

A cultura em evidência : o jornal *Vanguarda* e sua estratégia de atuação durante o Estado Novo¹

Thamyres Sousa²

Faculdade de Ciências e Tecnologia do Maranhão, Maranhão, MA

Resumo

O presente trabalho busca compreender a estratégia adotada pelo jornal *Vanguarda* para atuar durante o Estado Novo, um período de cerceamento de liberdades. Para atendermos ao objetivo proposto desenvolvemos uma pesquisa qualitativa utilizando como referencial teórico metodológico o conceito de estratégia de Certeau (2008). Inicialmente, buscamos apresentar o conceito de estratégia articulado com a conjuntura em que se deram os “jornalimos” durante o Estado Novo. Posteriormente, apresentamos um breve histórico do periódico e, por fim, desenvolvemos o processo analítico em que percebemos que a estratégia adotada pelo *Vanguarda* no período foi utilizar a cultura como instrumento de distinção da publicação em relação aos demais jornais em circulação e como forma de se afastar da polêmica política comum aos jornais piauienses outrora.

Palavras-chave: Jornal *Vanguarda*; Estratégias; Jornalismo piauiense; Estado Novo.

INTRODUÇÃO

O estado autoritário de 1937 foi marcado por mudanças políticas, econômicas e sociais que interferiram em âmbito jornalístico. Decidir por apoiar ou desaprovar o regime político vigente não é uma tarefa fácil, sobretudo, em um país como o Brasil em que o Estado, há muito tempo, sempre foi um dos maiores concessionários de verbas publicitárias, recursos que movimentam e dão sustentabilidade ao jornalismo.

Em períodos ditatoriais como o Estado Novo atuar de modo contrário ao Governo era uma empreitada arriscada e que deveria resultar de um bom planejamento estratégico, uma

¹ Trabalho apresentado no GT História da Mídia Impressa integrante do 11º Encontro Nacional de História da Mídia. Este artigo é um recorte da dissertação O jornalismo piauiense e a censura em tempos de Estado Novo orientada pela professora Dra Ana Regina Rêgo no Programa de Pós –Graduação em Comunicação da UFPI.

² Jornalista pela Universidade Federal do Piauí (2013). Pesquisadora no NUJOC- Núcleo de Pesquisa em Jornalismo e Comunicação. Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Piauí. Professora na Faculdade de Ciências e Tecnologia do Maranhão-FACEMA. Email: sousathamyres@yahoo.com.

vez que o Estado atuava com caráter bastante centralizador, interferindo em todos os eixos da sociedade. Porém, apoiar o regime também tinha o seu preço. Muitos periódicos alteraram por completo o seu fazer jornalístico em função das determinações do Estado e das penalidades que poderiam sofrer. Se para o público, essa ação talvez não fosse tão rentável, pois teríamos um jornalismo distanciado dos problemas sociais e voltado para a divulgação das ações do Governo, para alguns proprietários de jornais e jornalistas foi lucrativo receber os incentivos do Governo e até mesmo a isenção fiscal que foi concedida a alguns jornalistas.

Para dialogar com os poderes que atuavam no Estado Novo o jornal *Vanguarda* lançou mão de estratégias para garantir sua atuação. Este trabalho tem como objetivo compreender qual foi a estratégia adotada pelo jornal *Vanguarda* para manter seu funcionamento durante o Estado Novo.

Deste modo, o *corpus* da pesquisa é composto por sete exemplares de *Vanguarda* que circularam no ano de 1939 (7 de setembro, 8 de outubro, 15 de outubro, 22 de outubro, 29 de outubro, 5 de novembro e 19 de novembro). Trata-se de uma pesquisa qualitativa que não se volta para a representatividade numérica, mas para o entendimento das dinâmicas sociais (GOLDENBERG, 2004, p. 17) Como referencial teórico metodológico utilizamos o conceito de estratégia empregado por Certeau (2008).

Inicialmente, buscamos apresentar o conceito de estratégia articulado com a conjuntura em que se deram os “jornalisms” durante o Estado Novo. À posteriori, apresentamos um breve histórico do periódico e, por fim, desenvolvemos o processo analítico em que percebemos a estratégia adotada pelo *Vanguarda* em meio ao Estado autoritário de 1937.

Estratégias para “os jornalisms” durante o Estado Novo

Para se manter funcionando durante um período ditatorial os jornais precisam de maestria, é necessário fazer com que os poderes dialoguem e em meio a esse diálogo, as “forças” devem fazer algumas concessões, uma vez que para Foucault (2008, p.8) o poder não possui somente o caráter repressivo e destrutivo. Ele também apresenta um lado positivo, produtivo, diferente da visão coercitiva com que ele sempre foi relacionado. Essa dualidade é o que faz o poder se manter e ser aceito, dado que ele não pode apenas reprimir.

Durante a ditadura Vargas, o diálogo, que nem sempre aconteceu de maneira amistosa, entre o Estado e o Jornalismo fez com que os jornais que atuavam naquela conjuntura empreendessem estratégias para garantir o seu funcionamento. Vivia-se uma confluência de acontecimentos que geravam modificações na política, na economia, na sociedade e, conseqüentemente, no jornalismo.

Para Certeau (2008), as estratégias são definidas como o cálculo das relações de força no momento em que um sujeito de querer e poder é isolado e atuam como uma base para que possam ser delineadas relações com uma exterioridade de alvos e ameaças. Desse modo, as estratégias são compreendidas como um plano maior e se tratam de relações que se dão a longo prazo e também pautadas no poder, pois é por meio de um lugar de poder que são condicionados os lugares teóricos, sistemas e discursos totalizantes que podem articular os lugares físicos onde as forças se distribuem. Ainda conforme Certeau (2008, p.100), as estratégias por serem trabalhadas a longo prazo tem o poder de transformar as forças estranhas e facilita para que aos vermos de longe determinadas ameaças possamos prever uma reformulação das estratégias.

Voltando-nos para a estratégia adotada pela ditadura Vargas em relação ao jornalismo, percebemos que o seu interesse foi obter o apoio dos veículos jornalísticos a qualquer custo, seja de modo compulsório ou de maneira amistosa pautada em vultosas quantias destinadas a manter nos jornais a visibilidade das ações desempenhadas pelo Estado e também a contribuir para a formação de uma imagem positiva a seu favor.

Contudo, ao compreendermos o jornalismo conforme Berger (2014, p.20) como uma atividade pautada no cotidiano, que retira da vida vivida, do dia-a-dia, a matéria-prima de suas narrativas. As interferências que aconteciam na esfera política, econômica e social tendiam a repercutir no jornalismo de maneira favorável ou até mesmo contrária ao regime estado-novista, uma vez que em períodos ditatoriais alguns periódicos também se apresentam contrários às exigências do Governo apesar das conseqüências que poderiam ser submetidos (censura, perseguição, corte de recursos, empastelamento).

Na política, durante o Estado Novo, consolidou-se um Governo centralizador. Contudo, mesmo apresentando similaridades com o totalitarismo, a ditadura implantada por Vargas em 1937, segundo Maia apud Moreira (2010, p.251), não pode ser apresentada como totalitária e sim como um Governo de cunho autoritário. Com isso investiu-se no

fortalecimento das instituições estatais que pretendiam por meio de um projeto político nacionalista, governar a população, foi criada uma nova constituição para amparar as mudanças do regime (a Constituição de 1937), criou-se um sistema de interventorias, que garantiriam maior articulação com estados e municípios, e o então governador do estado do Piauí, Leônidas de Castro Mello, tornou-se interventor federal e foi o representante da figura de Vargas na instância local.

O modelo de Governo centralizador também atingiu a economia brasileira. Incentivou-se a industrialização e a maior intervenção do estado na economia. Desse modo, as novas regras econômicas previam estimular o crescimento da produção interna em detrimento da importação e a diversificação da produção (GARCIA, 2005, p.90). No Piauí, estado em que circulou o jornal *Vanguarda*, para estimular a produção interna investiu-se na produção da cera de carnaúba, da borracha de maniçoba e da amêndoa do babaçu.

Se a política e a economia apresentavam caráter intervencionista a sociedade e o jornalismo sentiam também os reflexos das mudanças que atingiram esses outros eixos. O Governo Vargas ofereceu apoio aos trabalhadores e estabeleceu uma aliança entre este grupo e o poder estatal. (FAUSTO, 2010, p. 182). Entretanto, foi um período de cerceamento de liberdades individuais, a polícia cometia excessos e o jornalismo, atividade que, conforme Rêgo e Leal (2011, p.4), estabelece condições de poder, pauta o público, forma opiniões e influencia o imaginário simbólico coletivo, também foi censurado.

O Departamento de Propaganda e Difusão Cultural (DPDC-1937), o Departamento Nacional de Propaganda (DNP-1938), o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP-1939) e os Departamentos Estaduais de Imprensa (DEIP-1940) ficaram responsáveis por fiscalizar a imprensa e outros setores e contribuía também para o fortalecimento de uma imagem positiva do Governo Vargas.

Se por um lado a ditadura Vargas pautou sua estratégia para as atividades jornalísticas na busca por conseguir o apoio deste segmento, os periódicos brasileiros reagiram a essa estratégia do Governo lançando outras estratégias que viabilizariam o diálogo ou o distanciamento do Governo, mudaram algumas características do seu conteúdo jornalístico ou reforçaram características políticas já existentes para enfatizar o seu posicionamento contrário ao Estado Novo. Cada periódico adotou o seu plano estratégico para se manter circulando durante o Estado autoritário de 1937. Com o intuito de

compreendermos como o jornal piauiense *Vanguarda* estruturou sua estratégia de funcionamento durante o Estado Novo apresentaremos no próximo tópico um pouco do histórico desse jornal.

Os intelectuais e a cultura nas páginas de jornais: conhecendo o jornal *Vanguarda*

Corroboramos as ideias de Pinheiro Filho (1997, p. 199) quando o autor menciona que durante o Estado Novo houve uma censura incisiva que barrou até mesmo o surgimento de novos jornais. Contudo, consideramos que o jornal *Vanguarda* foi uma exceção a essa paralisação no surgimento dos jornais que se desencadeou no Piauí e até mesmo em âmbito nacional no estado autoritário de 1937.

O periódico *Vanguarda* teve seu primeiro exemplar circulando em 7 de setembro de 1939, embora tenha contrariado a tese de que não surgiram novos jornais no Piauí durante o Estado Novo, este impresso foi efêmero e com base na catalogação feita pelo Arquivo Público do Piauí circulou apenas no ano de 1939. Devemos destacar que além de se tratar de um período ditatorial, no Piauí até meados dos anos 1950 ainda não havia jornais de grande porte que garantissem a sua circulação e sustentabilidade por muito tempo, ou seja, os jornais tinham pouco período de duração, pois não encontravam muitos suportes financeiros para se difundirem.

A data em que circula o primeiro exemplar do periódico *Vanguarda* é significativa, pois três meses após a sua criação em dezembro de 1939 surgiu o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), órgão de censura que teve importante papel na fiscalização da imprensa e na projeção de uma imagem positiva da ditadura Vargas. Desse modo, podemos concluir que o *Vanguarda* surge em um momento em que o Estado buscava meios de fortalecer a censura.

Vanguarda teve, inicialmente, como diretor gerente João Cúrcio Laguárdia, que pediu demissão em novembro de 1939 (VANGUARDA, 19 de novembro de 1939, p.12). Após a saída de João Cúrcio, o professor Oswaldo Monteiro tornou-se o único responsável pela diretoria do jornal.

Desde a fundação do periódico, o cargo de redator-chefe foi ocupado por Pedro de Alcântara Alves de Carvalho, que, a partir de novembro de 1939, foi auxiliado pelo

acadêmico de direito, Otto Carvalho de Sousa Martins (VANGUARDA, 19 de novembro de 1939, p.12). Além dos diretores e redatores, o periódico contou também com a colaboração de intelectuais como o poeta Celso Pinheiro, Higino Cunha, que foi literato, professor do Liceu Piauiense, da Escola Normal e da Faculdade de Direito do Piauí e também de Silvio Viterbo, professor da cadeira de música da Escola Normal.

Em seu primeiro exemplar, o jornal já manifesta o desejo de movimentar a vida intelectual da cidade, que, segundo ele, apresentava-se estagnada apesar do potencial intelectual da gente que aqui habitava. As expressões cultura e intelectualidade quase chegam a ser um sinônimo neste jornal. Conforme Cardoso (2014, p. 116), esta necessidade de afirmar os jornais como um espaço destinado a intelectuais foi peculiar à cultura jornalística até a década de 1950. O jornal era visto não somente como oportunidade de manifestação e divulgação de ideias, mas também como uma forma de legitimação da intelectualidade. Essa necessidade de apoio e legitimação dos intelectuais piauienses foram justificativas para que o jornal *Vanguarda* circulasse.

Para Gonçalves (2015, p. 40), o *Vanguarda* além de divulgar aspectos que envolviam a produção intelectual piauiense como poemas e artigos também abordava a cotidianidade do estado, a conjuntura política e internacional, indústria, educação e agricultura. Assim como os demais jornais que atuavam nesse período, o *Vanguarda* dispunha de um espaço destinado à veiculação de anúncios publicitários e de uma espécie de coluna social, em que os jornalistas citavam os aniversariantes, comunicavam quem viajava ou regressava.

Embora este jornal tenha apresentado uma atuação efêmera o mesmo empreendeu estratégias para garantir seu funcionamento.

As estratégias do jornal *Vanguarda* em meio ao estado autoritário de 1937

No que se refere às estratégias utilizadas pelo jornal *Vanguarda* para garantir a veiculação de seu posicionamento político durante o Estado Novo, observamos que o primeiro exemplar do periódico já apresenta os *insights* que vão garantir o futuro da publicação. Em meio a uma conjuntura que coibia o debate político, *Vanguarda* quis se relacionar com a exterioridade voltando-se à temática cultural. Em exemplar de 7 de setembro de 1939, o periódico destaca este interesse.

Texto 1: Teresina como sabemos é uma cidade progressista, atualmente, um cosmopolitano forte sacode-a em todos os sentidos. Nela há vida, há movimento, há trabalho e há inteligências também . Todavia, os intelectuais, os homens do pensamento, os homens da cultura que não nos mingam, pouco ou quase nada produzem à falta, justamente, de um jornal que corresponda, de pleno, a expectativa de plumitivos. E foi, por isso, que *Vanguarda* surgiu à Lume. Apareceu para preencher esta lacuna sensível em toda extensão do termo. Apareceu por uma iniciativa forçada de alguns moços com o objetivo de chamar às suas páginas homens das letras piauienses , à fim de que por aí à fora todos que nos lerem , digam que, no Piauí, se vive também intelectualmente (*VANGUARDA*, 7 de setembro de 1939, p.1).

Por meio do texto 1, percebemos que o *Vanguarda* encontrou na temática cultural uma estratégia que garantiu a sua atuação diante das ações que vinham sendo desempenhadas pelo Estado Novo. Observamos que ao preparar essa estratégia a cultura foi interpretada como uma temática que contribuiu para a diferenciação desse impresso no mercado, posto que, conforme o periódico declara, ele apareceu para suprir a “lacuna intelectual do estado”, que ainda não possuía notoriedade no meio jornalístico local.

Para desenvolver essa estratégia, o periódico se utilizou de diversos conteúdos para apresentar a temática cultural e atender aos públicos a que se direcionava. O próprio entendimento do termo cultura é complexo. Entretanto, dentre as diversas definições que o cercam buscamos compreender qual a definição adotada por *Vanguarda* para que fosse desenvolvida sua estratégia. Para tanto, entendemos o termo cultura com base em Raymond Williams (1992) que apresentou três significados para cultura.

um estado mental desenvolvido- como em “pessoa de cultura”, “pessoa culta”, passando por (i) os processos desse desenvolvimento – como em “interesses culturais”, atividades culturais, até (ii) os meios desses processos- como em cultura considerada como “ as artes “ e o “trabalho intelectual do homem” . Em nossa época, (iii) é o sentido mais geral e comum, embora todos eles sejam usuais. Ele coexiste, muitas vezes, desconfortavelmente, com o uso antropológico para indicar “modo de vida” global de determinado povo ou de determinado grupo social. (WILLIAMS, 1992, p. 11)

A partir da análise do periódico *Vanguarda*, observamos que a concepção de Williams (1992), que compreende a cultura como as “artes” e o “trabalho intelectual do homem”, foi a adotada pela publicação. Esta concepção foi também acompanhada de um significado materialista que, conforme Williams (1992, p. 11), entende que as artes e os

trabalhos intelectuais são produtos diretos ou indiretos de uma ordem proveniente de outras atividades sociais. Desse modo, é pertinente ressaltar que o jornal apresentou como manifestações culturais as produções materiais do povo voltando-se às atividades artísticas mais tradicionais como a música, literatura, dança, teatro, cinema, arquitetura e a religião. No entanto, devemos destacar que não foram apenas as manifestações culturais que receberam destaque, os artistas envolvidos, escritores também ganharam projeção na publicação. Por meio do texto 2, verificamos a visibilidade dada a música, um dos temas abordados pelo jornal.

Texto 2 :A noite de anteontem no teatro 4 de setembro foi uma das mais belas artes que já presenciei nossa velha casa de diversões . A cantora Patrícia confirmou as expressões elogiosas de toda a imprensa de onde se tem feito ouvir levando a efeito um recital que agradou em cheio. Apesar das irregularidades de acústica motivadas pela falta de forro de nosso teatro a voz canora suave de Santa Noll foi ouvida com embevecimento e justa admiração por toda a numerosa assistência . (VANGUARDA, 15 de outubro de 1939, p. 1)

O texto 2 nos mostra como o jornal atuou fazendo resenhas dos eventos que ocorriam na capital voltando-se para a música uma das manifestações culturais que *Vanguarda* deu notoriedade. Na ocasião, o periódico relata a apresentação da cantora Santa Noll, no Teatro 4 de setembro. Nessa construção, *Vanguarda* ressaltou a repercussão da apresentação junto ao público e aspectos técnicos. Posto isso, a publicação contribuiu para que fosse dada visibilidade à artista e colaborou para que ela integrasse o imaginário simbólico e a memória coletiva da população, embora se entenda que não é missão do jornalismo atuar como um lugar de memória.

Por meio da análise, constatamos que não foi somente a música que o periódico ofereceu destaque, pois a literatura, dança, teatro, cinema, arquitetura e a religião também foram temas retratados no jornal.

Como a estratégia adotada pelo jornalismo não atua de modo dissociado da conjuntura em que ele foi inserido, devemos enfatizar que, durante o Estado Novo, a cultura também foi objeto de intervenção do Governo e, de acordo com Capelato (2009, 101), as manifestações culturais só poderiam acontecer permeadas por fatores políticos. Como bem afirma Rêgo (2013, p. 1-2), nesse período em que o país vivia sob a tutela do DIP, os meios

de comunicação e, sobretudo, o jornalismo passaram a divulgar as artes que o Estado julgava conveniente e importunar as artes praticadas por grupos considerados ameaçadores do regime. Porém, embora o segmento cultural tenha sido perseguido pelo Estado as intervenções nesse periódico não foram tão incisivas, pois nem sempre o conteúdo cultural do jornal veio acompanhado de aspectos da ideologia estadonovista.

Texto 3: A 25 do corrente transcorreu o 53º aniversário do nascimento de Humberto Campos motivo por que “Vanguarda” no firme propósito de homenageá-lo embora tardiamente transcreve, hoje, em sua coluna uma de suas elegantes crônicas, ilustrada por seu clichê. (VANGUARDA, 29 de outubro de 1939, p. 6).

No texto 3, Vanguarda destaca um personagem da literatura e além de homenageá-lo por seu aniversário, oferece visibilidade a sua produção intelectual publicando um texto de autoria do cronista Humberto Campos. A nota não recorre a nenhum princípio da ideologia estado novista e se volta apenas a um dos objetivos que o jornal apresenta em sua edição-fundadora de 7 de setembro de 1939 que é “chamar às suas páginas homens das letras piauienses, à fim de que por aí à fora todos que nos lerem, digam que, no Piauí, se vive também intelectualmente” (VANGUARDA, 7 de setembro de 1939, p. 1).

Por meio desta análise percebemos também que o jornal trabalhou o segmento cultural voltando-se para a capital do Piauí, passando ao público leitor a impressão de que só havia manifestações culturais que necessitavam receber visibilidade em Teresina.

Texto 4: Há nela (Praça Pedro II) a harmonia das linhas, a beleza dos traçados de seus canteiros, a elegância de sua arborização e o feitiço inebriante de suas flores. É mesmo um dos mais lindos logradouros públicos, nordestinos construídos na administração do Exmo Sr Lindolfo do Rêgo Monteiro [...]. (VANGUARDA, 7 de setembro de 1939, p. 1)

No texto 4, que faz parte da matéria intitulada de “Teresina progride. As praças Pedro II e João Luiz Ferreira”, a publicação mantém o seu planejamento de destacar a parte cultural do Estado, sobretudo, a arquitetura e o paisagismo de suas praças e ruas. A construção “Há nela (Praça Pedro II) a harmonia das linhas, a beleza dos traçados de seus canteiros, a elegância de sua arborização e o feitiço inebriante de suas flores” discorre sobre o modelo arquitetônico da praça, assunto que compõe a estratégia de *Vanguarda* para o período que é voltar-se a temática cultural. Porém, embora a maioria do conteúdo do periódico seja cultural, a publicação se dedicou a outros temas como fatos internacionais,

esporte, política, economia e sociedade, temas que embora tenham sido abordados com menor ênfase garantiriam um público mais abrangente para o periódico.

Ainda no texto 4 também observamos que o conteúdo cultural de *Vanguarda* também teve um teor político quando o jornal aparece se reportando à administração de Lindolfo Monteiro, colocando o então prefeito de Teresina como um personagem de destaque para o cenário cultural piauiense.

Voltando-nos para a política, conteúdo que durante a ditadura Vargas, em sua maioria, distanciou-se do tom mais agressivo do século XIX e início do século XX para tornar-se um conteúdo mais voltado para ações do Governo e propagador de uma imagem positiva de Getúlio Vargas, observamos que o *Vanguarda* apesar de querer se apresentar como um jornal extremamente voltado para as manifestações culturais em alguns momentos apresentou eventos que vinham acompanhados da ideologia política da ditadura Vargas.

Texto 5: A nota empolgante da semana foi incontestavelmente a criança, no seu interessante aspectos social e patriótico. O Piauí este ano mais impulsionado pela corrente de entusiasmo que reinou em todo o país contribuiu também e, grandemente, para que entre nós a criança fosse festejada, fosse lembrada, fosse mimada, olhada, endeuzada, como um elemento de real grandeza para a sociedade e para a família piauiense. A pátria. [...] A criança é a pátria em miniatura. A pátria é o homem com tudo que o envolve (VANGUARDA, 22 de outubro de 1939, p. 8).

No texto 5, o periódico recorreu à criança para junto a ela enfatizar características do modelo político em vigor naquele período, que buscava construir junto ao público um sentimento de amor à pátria, de nacionalismo. A expressão “Corrente de entusiasmo”, neste caso, é uma metáfora que *Vanguarda* utilizou para se referir ao regime em uma de suas celebrações, a Semana da Criança. Reportando-nos à Parada (2007, p.37-38), houve durante o Estado Novo a construção de um calendário que visava colaborar com o regime. Constatamos que a Semana da Criança foi uma das datas que contribuiu para a formação de uma memória coletiva que agregaria novos conceitos de nação e cidadania que em benefício do Estado Novo deveriam ser difundidas.

Por meio do trecho 5 constatamos que apesar de implantar uma estratégia que se distanciasse da polêmica política, o jornal *Vanguarda* continuou apresentando algumas

interferências do modelo político vigente, embora, como já foi ressaltado, isto não interferisse muito na dinâmica do periódico.

No que se refere à estratégia adotada pelo *Vanguarda* para sobreviver ao regime, a cultura foi o eixo de sustentação para que o periódico atuasse e foi um instrumento de distinção da publicação em relação aos demais jornais em circulação. Tendo em vista que *Vanguarda* foi criado em 7 de setembro de 1939, portanto, há quase dois anos após golpe que originou o Estado Novo, consideramos que a publicação não foi criada de modo alheio à conjuntura de cerceamento que, paulatinamente, foi implantada no Brasil. Com o intuito de resguardar-se da intervenção do Governo, o foco nas atividades culturais foi uma maneira que o periódico encontrou para assegurar o futuro da organização, fazendo com que seu interesse de dar visibilidade ao trabalho de intelectuais fosse garantido sem, no entanto, afetar os anseios da ditadura Vargas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O jornalismo praticado durante o Estado Novo apresentou diversas facetas. Assegurá-lo, unicamente, como alvo de intervenções é omitir a posição de poder que o jornalismo ocupa e as diversas formas que esta atividade possui para se posicionar. Influenciado pelas mudanças políticas, econômicas e sociais que se deram no período, o jornal *Vanguarda* empreendeu estratégias que garantiram a sua circulação durante o Estado Novo.

Com o intuito de viabilizar sua atuação em um período em que a imprensa sofria intervenções de órgão de controle do Estado, o *Vanguarda* encontrou na cultura uma estratégia veicular suas informações e afastar-se da polêmica política que poderia resultar até mesmo no fechamento do jornal, diminuição da sua cota de papel, uma vez que esse controle era feito pelo estado e acarretaria também perseguição aos jornalistas.

Apesar de tratar-se de um período em que a cultura também sofreu interferência do Governo (CAPELATO, 2009, 101), observamos que as influências de aspectos da ideologia estadonovista não foram tão incisivas neste periódico, o que facilitou com que os idealizadores desta publicação pudessem imprimir nesta folha suas marcas e movimentar a vida intelectual do estado sem, no entanto, sofrer grandes intervenções do Governo.

Contudo, percebemos uma restrição do conceito de cultura apresentado pelo jornal. Ele sempre se referia às atividades artísticas mais tradicionais como a música, literatura, dança, teatro, cinema, arquitetura e a religião e voltava-se bastante para as manifestações culturais que aconteciam na capital do Piauí, Teresina, passando até mesmo a impressão de que as únicas manifestações culturais que mereciam notoriedade eram as relacionadas à capital.

REFERÊNCIAS

BERGER, Christa. Potencialidades das narrativas jornalística e histórica. IN: RÊGO, Ana Regina; QUEIROZ, Teresinha; MIRANDA, Marcela. *Narrativas do jornalismo & narrativas da história*. Porto: Mediaxxi, 2014, p. 319-341.

CAPELATO, Maria Helena. *Multidões em cena*. 2.ed. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 2009.

CARDOSO, Nilsângela. Cultura Jornalística e identidade profissional dos jornalistas teresinenses (1951-1954). IN: SILVA, Mairton; OLIVEIRA, Marylu (Org). *Histórias do social ao cultural/do cultural ao social*. Teresina: EDUFPI, 2015, p.73-106.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano - Artes de fazer*. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

FAUSTO, Boris. *História Concisa do Brasil*. 2.ed. São Paulo: USP, 2010.

FOUCAULT, Michael. *Microfísica do Poder*. 25.ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2008.

GARCIA, Nelson Jahr. *Estado Novo, ideologia e propaganda política*. Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/estadonovo.pdf>>. Acesso em: 15 mai. 2015.

GOLDENBERG, Mirian. *A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais*. 8.ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

GONÇALVES, Teresa. *Jornalismo Cultural Piauiense durante o Estado Novo*. 2015. Trabalho de conclusão de Curso (Bacharelado em Jornalismo) - Departamento de Comunicação Social, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2015.

MOREIRA, Carla. Produção de práticas censórias e memória: Relações entre a ditadura Vargas e o fascismo italiano. *Caderno de Letras da UFF*, Rio de Janeiro, n 40, p. 249-279, 2010. Disponível em: <<http://www.uff.br/cadernosdeletrasuff/40/cotidiano1.pdf>>. Acesso em: 1 jul. 2014.

PARADA, Maurício. A ordem da memória: a imprensa e o imaginário político do Estado Novo. RIBEIRO, Ana Paula Goulart; FERREIRA, Lúcia Maria Alves. *Mídia e Memória: a produção de sentidos nos meios de comunicação*. Rio de Janeiro: MAUAD, 2007.

PINHEIRO FILHO, Celso. *História da Imprensa no Piauí*. 3.ed. Teresina: Zodiaco, 1997.

ISSN 2175-6945

REGO, Ana Regina; LEAL, Ranielle. Nazismo e facismo nas páginas da revista O Cruzeiro. In: *Confederação Iberoamericana de Asociaciones Científicas y Académicas de la Comunicación*, 2011, São Paulo. Anais eletrônicos. São Paulo: USP, 2011. Disponível em: <<http://confibercom.org/anais2011/pdf/24.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2013.

WILLIAMS, Raymond. *Cultura*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.